

Foot-ball mulato

Gilberto FREYRE

(Para os "Diarios Associados")

Um reporter me perguntou ante-hontem o que eu achava das "admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux."

Respondi ao reporter — que depois inventou ter conversado comigo em plena praça publica, entre solavancos da multidão patriótica na propria tarde da victoria dos brasileiros contra os tchecoslovacos — que uma das condições dos nossos triumphos, este anno, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar á Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande numero, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo criterio do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem de mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito cabóculos, deviam ser enviados ao estrangeiro. Mulatos do typo do illustre Domicio da Gama a quem o Eça de Queiroz costumava chamar, na intimidade, de "mulato côr-de-rosa".

Morto Rio Branco, desaparecia o criterio anti-brasileiro do Brasil se fingir de Republica de arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecessem através de ministros ruivos ou de secretarios de legação de olhos azues. E de tal modo desapareceria o falso e injusto criterio da selecção de louros que o proprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos illustres — um delles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha... Assistindo, tambem ante-hontem, á fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os polonezes, foi de quem me lembrei — de Nilo Peçanha. Porque o nosso estylo de foot-ball lembra o seu estylo politico.

O novo estylo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astucia, de ligeireza e ao mesmo tempo

de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor affirmacão na arte politica.

Os Lossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos inglezes e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantissimo para os psychologos e os sociologos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é affirmacão verdadeira do Brasil.

Acaba de se definir de maneira inconfundivel um estylo brasileiro de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo agil em assimilar, dominar, amollecere em dança, em curvas ou em musicas technicas europeas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto; sejam ellas de jogo ou de architectura. Porque é um mulatismo, o nosso — psychologicamente, ser brasileiro é ser mulato — inimigo do formalismo apollineo — para usarmos com alguma pedanteria a classificacão de Spenger — e dyonisiaco, a seu geito — o grande geitão mulato. Inimigo do formalismo apollineo e amigo das variações; deliciando-se em manhas molleronas, mineiras á que se succedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. Uma arte que não se abandona nunca á disciplina do methodo scientifico mas procura reunir ao sufficiente de combinacão de esforços e de efeitos em massa a liberdade para a variacão, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentacão ou para a exhibição de talento individual num jogo de que os europeus tem procurado eliminar quasi todo o floreio artistico, quasi toda a variacão individual, quasi toda a espontaneidade pessoal para accentuar a belleza dos efeitos geometricos e a pureza de technica scientifica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o organismo europeu. É

claro que mulatismo e arianismo considerados não como expressões ethnicas mas como expressões psychosociales condiccionadas por influencias de tempo e de espaço sociaes.

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artisticos, cuja eficiencia — menos na defesa que no ataque — ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste anno com os polonezes e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formacão social democratica como nenhuma.

Rebelde a excessos de ordenacão interna e externa; a excessos de uniformisacão de geometrisacão, de standardizacão; a totalitarismos que facam desaparecer a variacão individual ou espontaneidade pessoal.

No foot-ball como na politica, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dyonisiaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lyrica.

Emquanto o foot-ball europeu é uma expressão apollinea — no sentido spengleriano — de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mechanizada e subordinada ao todo — o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha.

O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados a graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de "ballarinos da bola." Nós dançamos com a bola.

Havelock Ellis — que o meu amigo Agrippino Grieco não sei porque suppe um simples Mantegazza inglez, quando Ellis é, na verdade, um dos pensadores mais lucidos e um dos humanistas mais completos do nosso tempo — si visse o team brasileiro jogar foot-ball acrescentaria talvez um capitulo ao seu ensaio magnifico sobre a dança e a vida.

O estylo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dyonisiaca.